



GÊNERO

AS MULHERES NO BIT (*BUREAU INTERNACIONAL DO TRABALHO*): O EXEMPLO DE MARGUERITE THIBERT

Françoise Thebaud

Tradução: Suely Gomes Costa e Vera Soares

Resumo: *Este artigo examina o lugar das mulheres, na primeira metade do século XX, entre os funcionários do BIT (Bureau Internacional do Trabalho), órgão da Sociedade das Nações, por meio da trajetória de Marguerite Thibert (1886-1982), que se tornou “uma grande dama” da instituição. Expõe o lento e limitado acesso das mulheres a empregos e a cargos no órgão, mesmo diante de um dos princípios de ação da OIT : o “do salário igual, sem distinção de sexo, para um trabalho de valor igual” que pretende fazer valer em escala mundial. Utiliza, como fontes principais, as listas de pessoal do BIT e os dossiês profissionais de Marguerite Thibert e Martha Mundt, consultados em Genebra, além de documentos diversos da biblioteca Marguerite Durand, em Paris, como as cartas de Marguerite Thibert.*

Palavras-chave: *divisão sexuada e hierárquica de empregos e cargos em órgãos internacionais; administração feminizada; hierarquia salarial; celibato; movimentos feministas.*

As organizações internacionais são mais abertas às mulheres que as administrações e os postos políticos nacionais dos chamados órgãos das relações exteriores? Um mergulho em arquivos recolhidos por militantes feministas da primeira metade do século XX leva, de múltiplas formas – e com algumas variações –, à narrativa quase mítica da vitória de 1919:¹ uma delegação de sufragistas aliadas, reunidas em Paris, defende, junto aos plenipotenciários da Conferência de Paz, a participação das mulheres na missão de instituir a futura Sociedade das Nações (SDN) e obtém a inscrição com base no Pacto que fixa o princípio de igual acesso de homens e mulheres a todas as funções.² Apesar da pressão constante das associações feministas nacionais e internacionais, a aplicação desse princípio é, entretanto, lenta e limitada, tanto por parte dos funcionários como dos delegados de diversas instâncias da insti-

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006 **25**



GÊNERO

tuição.³ A França terá que esperar até 1932 para enviar Germaine Malaterre-Sellier como “conselheira técnica”, à sessão anual da Assembléia de Genebra.⁴

O que dizer sobre a Organização Internacional do Trabalho e seu órgão executivo permanente, o *Bureau* Internacional do Trabalho (BIT)? Fazendo uma certa confusão entre essas duas siglas, Maria Vérone, advogada e presidente da Liga Francesa pelos Direitos das Mulheres, escreve em *L’Oeuvre*, em 1928:

O BIT, dirigido por Albert Thomas, conta sempre com mais mulheres que a SDN. Isto se deve, em parte, aos sentimentos feministas do diretor e à necessidade de ter pelo menos uma mulher entre os conselheiros técnicos, cada vez que uma questão de interesse pessoal das trabalhadoras figura na ordem do dia de uma Conferência.⁵

Parte de uma pesquisa mais ampla sobre a figura e a trajetória de Marguerite Thibert (1886-1982), esta contribuição examina o lugar das mulheres entre os funcionários do BIT – a partir da indagação: qual a aplicação do princípio da igualdade? – e observa a carreira daquela que se tornou “uma grande dama” da instituição.⁶ As fontes utilizadas são principalmente as listas de pessoal do BIT e os dossiês profissionais de Marguerite Thibert e Martha Mundt, listas e dossiês consultados em Genebra.⁷ A este material foram acrescentados documentos diversos da biblioteca Marguerite Durand de Paris, assim como as cartas de Marguerite Thibert, conservadas nos fundos arquivísticos Marie-Louise Puech.⁸

O lugar das mulheres no BIT: o peso do gênero

Instituição da SDN, o BIT tem o dever de respeitar o princípio de igual acesso a suas funções. Mas o artigo da Constituição da OIT, concernente ao pessoal do *Bureau*, é vago: esse acesso “será escolhido pelo Diretor. A escolha deverá ser assegurada de modo compatível com o desejo de obtenção do melhor rendimento dentre as pessoas de diferentes nacionalidades. Um certo número dessas pessoas deverá ser de mulheres”. Como escreve Marguerite Thibert a Marie-Louise Puech, em 2 de fevereiro de 1929, há um “abismo que separa os *direitos* iguais de mulheres e de homens e a *aplicação* desses direitos” [sic] e acrescenta, depois de ter censurado cerca de 20 mulheres ocupantes de chefia de serviços ou de seção : “para um total de cerca de 175 mulheres, vejam que isso não é tanto, eu não falarei nem mesmo sobre as cúpulas (visto que não há nem chefe de divisão, nem chefe de seção feminina), mas sobre os ombros que as sustentam”.

A consulta das listas de pessoal, mais ou menos a cada dez anos, permite mensurar a amplitude e a evolução desta divisão sexuada e hierárquica dos empregos que, durante muito tempo, torna matéria de deboche, no BIT, um dos nove princípios de ação da OIT: “o princípio do salário igual, sem distinção de sexo, para um trabalho de valor igual”.⁹ Já as observações sobre o pessoal feminino no BIT falam do lugar e das qualidades atribuídas a cada sexo.

26 *Niterói*, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

Os anuários dessa jovem administração que cresce regularmente e determina pouco a pouco, juntamente com a SDN, as regras de funcionamento e o estatuto de pessoal não são, porém, de uso fácil. Mais homogênea depois da Segunda Guerra Mundial, sua apresentação varia repetidas vezes, entre 1920 e 1950, registrando geralmente, no entanto, ao lado do nome, o grau hierárquico ou a função, a remuneração e a nacionalidade. De outro lado, a estrutura da organização muda igualmente várias vezes, mesmo que suas funções possam ser lidas nos seguintes reagrupamentos do anuário de 1929: uma Divisão Diplomática prepara, em francês e em inglês, o trabalho da Conferência Anual dos Membros da OIT (delegados dos governos, das organizações patronais e dos sindicatos) e age junto aos governos no sentido da ratificação das convenções adotadas; uma Divisão Científica faz do BIT um centro de documentação multilíngüe e um instrumento de informação a serviço de todos; uma outra Divisão de Intercâmbios assegura o contato com as organizações patronais, operárias, cooperativas e femininas. O conjunto se apóia, além da direção, em uma vasta Divisão Administrativa ou em serviços centralizados (correios, datilografia, pessoal, contabilidade, economia, edição e tradução).¹⁰

Leitura atenta, contagens e a trajetória de algumas mulheres a partir da instalação do BIT, na Genebra de janeiro de 1920, oferecem, entretanto, algumas conclusões. Primeiramente, o BIT é, desde a sua origem, uma administração feminizada – mais feminizada que a maior parte das administrações nacionais –, mas esta feminização diminui ao longo dos dois primeiros decênios, com a expansão e a estruturação do órgão (ver Quadro 1). Por outro lado, as mulheres funcionárias, cuja idade e nível de estudos só puderam ser conhecidos pelo dossiê profissional, são majoritariamente celibatárias (indicado pelo tratamento de *Miss* ou *Mlle*, nos anuários),¹¹ mesmo que a taxa de celibato tenda a diminuir e que se encontrem, aqui ou ali, referências a casais – marido e mulher no BIT ou um deles na SDN, como *Mme*. Spiller que acolhe Marguerite Thibert na sua chegada a Genebra em 1926.

Quadro 1 – A feminização do quadro pessoal¹²

| Lista pess. em | 27 Maio 1920 | 1 jun. 1921 | 1 set. 1929 | 1 jun. 1938 | 1 out. 1950 |
|--------------------|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Número total | 134 | 260 | 368 | 410 | 576 |
| Número de mulheres | 73 | 126 | 164 | 168 | 247 |
| Casadas | 10 (13,7%) | 16 (12,7%) | 46 (28%) | 53 (31,5%) | 79 (32%) |
| Feminização | 54,5% | 48,5% | 44,6% | 41% | 42,9% |

Fonte: Lista de Pessoal – BIT, elaboração própria.

Segundo o conjunto de observações: a hierarquia salarial é muito elevada (de 1 a 38, em 1921 e 1929 ; de 1 a 22, em 1938), e a distribuição do pessoal feminino (ver Quadro 2) não é nem um pouco homogênea. Nem nas divisões, nem nas fun-

GÊNERO

ções e graus hierárquicos que assim se declinam (com modificações de termos e um acavalamento de escalas de remuneração, antigas e novas, ao longo das alterações do estatuto adotadas pela Assembléia da SDN e do Conselho de administração do *Bureau*): diretor, diretor-adjunto, chefe de divisão (subdiretor em 1938; todos são homens), chefe de seção, chefe de serviço, membro de seção (três categorias em 1929: A, B e auxiliar). Este último grau constitui, com o chefe de *bureau*, um grau intermediário elevado, cujas competências dos titulares foram verificadas segundo o domínio de línguas e das ciências econômicas, podendo levar ao desempenho da direção de um serviço. Os graus médios ou inferiores constituem o pessoal de menor salário: são secretários, estenodatilógrafos (às vezes bilíngües), empregados (cinco classes em 1929), categorias I a V em 1938 (a primeira substituindo o grau de membro de seção auxiliar), *boys* – categoria II (Div. III) em 1938. A divisão diplomática, estratégica e de prestígio, é muito masculina, com graus elevados e intermediários e algumas mulheres como secretárias ou datilógrafas. As mulheres chefes de seção ou chefes de serviço podem ser contadas nos dedos da mão. É o caso da britânica Sophy Sanger, única mulher em 1921, chefe da pequena seção da Legislação do trabalho, mas remunerada duas vezes menos que M. Varlez, que dirige o serviço de Emigração e Desemprego, de mesmo porte.¹³ Da mesma forma, *Mme. G. Laverrière*, que dirige o *bureau* de datilografia em 1929 (70 pessoas), é classificada numa escala de salário menor que M. V. L. Lourtioux, à frente do *bureau* de controle financeiro, assistido por um único empregado – isto, sem dúvida, como escrevem certos comentaristas, porque as mulheres são consideradas inaptas para o comando e a gestão de uma equipe. Por outro lado, a parte feminina, na condição de membros de seção, que tinha crescido entre 1921 e 1929, recua fortemente nos anos 1930, mesmo incluindo a categoria I de 1938 e a dos redatores ou tradutores. Peso do contexto econômico e ideológico? Recuo da pressão das associações feministas preocupadas com as tensões internacionais? Maior atenção à distribuição por nacionalidade?

Quadro 2: A divisão sexuada dos empregos¹⁴

| Ano | 1921 | 1929 | 1938 |
|---------------------------------|--|---|---|
| Divisão diplomática | 4 mulheres sobre 23 | 7 mulheres sobre 42 | 6 mulheres sobre 28 |
| Chefe de seção | 1 mulher sobre 5 | Nenhuma sobre 13 | Nenhuma sobre 13 |
| Chefe de serviço ou equivalente | Nenhuma sobre 20 | 3 mulheres sobre 21 | 2 mulheres sobre 13 |
| Membro de seção ou equivalente | 15 mulheres sobre 85 (cerca de 17%) | 26 mulheres sobre 117 (cerca de 22%) | 22 mulheres sobre 172 (menos de 13%) |

Fonte: Lista de Pessoal – BIT, elaboração própria.

28 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

De fato, grandes batalhões femininos estão na Divisão administrativa e em menor grau na divisão científica, em funções como secretária, secretária-esteno-grafa, estenodatilógrafa, operadoras de mimeógrafos ou empregadas. Os menores graus hierárquicos são, em geral, ocupados pelas suíças, os outros por estrangeiras – em sua maioria francesas ou britânicas até a Segunda Guerra – cujos percursos guardam alguns mistérios: atração pelo salário de Genebra? Desejo de aventura? Perda do noivo na guerra? Ausência de oportunidade profissional no país natal? De fato, o BIT parece oferecer empregos atraentes a dezenas de jovens ou mulheres – uma carta de Marguerite Thibert, de 20 fevereiro de 1931, assinala de 100 a 200 candidatas para um cargo aberto a concurso externo e... uma escolha feita em geral antecipadamente – e permite acesso a carreiras intermediárias. Assim, *Mlle.* Henderson (embora francesa, foi anotada como *Miss* em 1920), que recebe como datilógrafa do diretor adjunto o menor salário no ano de 1920,¹⁵ será melhor remunerada no ano seguinte como secretária; em 1929, ela se torna membro da seção auxiliar da biblioteca e, em 1938, bibliotecária adjunta, ganhando quatro vezes mais que o salário mínimo. Entretanto, o “telhado de vidro”, para usar uma expressão atual bem sugestiva, é uma realidade que se mantém durante décadas. Colocada de novo, com força, a partir dos anos 1970, sobretudo por ocasião da “Década da Mulher” (1975-1985), a questão das discriminações profissionais dá lugar à criação de comitês de estudos e de políticas fracamente aplicadas, objetivando situar 35% de mulheres nos graus hierárquicos mais elevados. Mas um estudo realizado em 1992, sobre o conjunto de agências da ONU, indica para o BIT a seguinte distribuição: 53% de mulheres no grau P2, 43% no P3, 32% no P4, 8% no P5, 13% no D1, 9% no D2 e uma mulher sobre 12 fora de grau.¹⁶

Nesse contexto, durante muito tempo ainda marcada pelo peso do gênero, a carreira de Marguerite Thibert é, ao mesmo tempo, comum e excepcional.

A carreira de Marguerite Thibert : uma exceção?

Em julho-agosto de 1993, o jornal do sindicato do pessoal do BIT – *Union* –, publica, pela terceira vez, um extrato de uma longa entrevista com Marguerite Thibert, realizada no começo de 1980.¹⁷ Embaixo de sua foto tomada nessa ocasião, lê-se o seguinte comentário: “nossas jovens colegas conhecerão, assim, uma ‘grande dama’, cuja existência se confundiu com a história do BIT ou quase... (sic)”. Querendo enlavar uma carreira complexa revelada por seu dossiê profissional ou pelas cartas enviadas a sua amiga Marie-Louise Puech, nesta entrevista, Marguerite Thibert diz não ter encontrado qualquer problema no seu trabalho; apresenta-se como uma das mulheres chefes de serviço e evoca as “tarefas por vezes extraordinárias” confiadas a uma mulher.

Algumas palavras iniciais sobre (*Mlle.*) Martha Mundt, da qual Marguerite Thibert é parcialmente a herdeira, permitem mensurar as competências dessas mulheres

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006 29

GÊNERO

engajadas num nível intermediário, assim como seu grau de investimento no trabalho e de adesão ao espírito da “casa”. Alemã, nascida em 1872, Martha Mundt fez seus estudos de sociologia e de economia em Königsberg, Berlim, Gênova e Roma, trabalhando 12 anos em Berlim como redatora-chefe de um periódico mensal socialista, com passagem pela França e Inglaterra e como colaboradora na Conferência da Paz sobre a questão dos prisioneiros. Recomendada por Bernstein, seu multilingüismo e seu engajamento socialista interessam a Albert Thomas que, entretanto, não lhe encontra nenhum posto livre antes de fins de setembro de 1920. Contratada como redatora do serviço de informações da Divisão Científica (para organizar a revista de imprensa germanofônica e assegurar traduções), titulada seis meses mais tarde e reclassificada como membro da seção B no início de 1922, Martha Mundt vai além, sendo logo “encarregada de acompanhar as questões relativas ao trabalho das mulheres e das crianças e ao movimento feminista e de centralizar todas as informações sobre esses assuntos” (relatório sobre seu trabalho de 4 de janeiro de 1923). Com isso, ela é convidada para numerosos congressos internacionais (notadamente o da I’AISF em Paris, entre maio e junho de 1926)¹⁸ e confrontada no debate recorrente “pró ou contra a proteção das operárias”.¹⁹ Transferida em 1927 para o Serviço das Organizações Operárias da Divisão Diplomática, ela continua a consagrar seu “entusiasmo”, seu “grande tato” e sua energia ao estreitamento de relações com as organizações femininas e à defesa da posição protecionista do BIT – até cair fortemente doente por duas vezes seguidas. Promovida a membro da seção A em 1º de janeiro de 1930, obtém ainda a autorização para trabalhar durante sete meses depois de atingir a idade de aposentadoria (fixada em 60 anos desde 1928). Para suprir as necessidades de sua mãe numa Alemanha em crise e contribuir com a organização do futuro “Comitê” para o trabalho das mulheres, escreve ela ao diretor em 21 de outubro de 1931. Considerado fundamental e cada vez mais autônomo, depois da reorganização administrativa de início de 1934, seu trabalho leva à criação do Serviço do Trabalho das Mulheres e das Crianças no interior da Seção das Condições de Trabalho: o serviço de Marguerite Thibert.

O dossiê de Marguerite Thibert é bem mais avantajado que o de Martha Mundt; isso porque ela trabalhou no BIT por um longo tempo – muito além da idade da aposentadoria compulsória, realizando numerosas missões de experto (ver adiante) –, mas também porque, consciente de suas competências, protesta por diversas vezes, notadamente nos primeiros anos, contra seu estatuto na instituição. Licenciada em Filosofia, doutora em Letras em 1926, sendo a décima segunda na França desde as duas defesas de tese da primavera de 1914, Marguerite Thibert faz parte da Associação das Mulheres Diplomadas em Universidade, cujo papel, durante decênios, pelo reconhecimento profissional de qualificações das mulheres com o mesmo título que o dos homens foi, sem dúvida, subavaliado.²⁰ Mostra sua rejeição à candidatura Malaterre-Sellier (ver introdução) quando diz: “muita eloquência e brilho, poucas competências técnicas”, muito sentimentalismo “feminino”.²¹ Marguerite Thibert privilegia a *expertise* sobre o carisma mesmo no militantismo que para ela não é concebido sem trabalho assíduo e competências técnicas. É exatamente o que ela traz

30 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

para o BIT, lento como toda administração submetida a múltiplas regras, ao traduzir esta postura em estatuto profissional.

A chegada de Marguerite Thibert a Genebra, em janeiro de 1926, perto dos 40 anos, é o resultado de um conjunto de circunstâncias apoiado em redes e engajamentos militantes. Viúva desde 1915, mãe de uma filha de 12 anos, professora do Colégio Sévigné, Marguerite Thibert aceita a proposta de seu orientador de tese Célestin Bouglé – proposta vinda de Albert Thomas, outro normalista – para um trabalho temporário no BIT sobre o estudo das migrações. Trata-se de um cargo interessante de experimentar, considerando a incerteza de um improvável recrutamento universitário. E como admiradora de Jaurès e militante da Paz pelo direito – movimento precursor de uma organização jurídica mundial destinada a preservar a paz –, Marguerite não pode deixar de se sentir atraída pela perspectiva de trabalhar sob as ordens de Albert Thomas, numa administração da SDN voltada para a justiça social.²²

Marguerite Thibert sabe ler em muitas línguas – domina o alemão e o italiano, eventualmente é ajudada no inglês; aprende o espanhol à noite –, faz pesquisas, é capaz de sintetizar uma matéria complexa e apresentá-la num conjunto coerente, organizar um índice e uma bibliografia, reler provas, controlar traduções. Graças às suas competências e a um forte investimento no trabalho – ela não pode mais aplicar a si mesma os preceitos da primeira convenção adotada pela I'OIT (aquelas das 8 horas) e se diz seguidamente sobrecarregada –, os três volumes de *La Réglementation des migrations* – “monumento de direito internacional” – saem a tempo e são muito apreciados por seus superiores, do seu chefe imediato de serviço ao diretor. Mas seu estatuto permanece por muito tempo precário e incerto; a nota de Albert Thomas, de 29 outubro de 1928, o explica: “não (desejo) perder uma colaboradora como ela, mas é preciso que eu tenha os meios administrativos para preservá-la”.²³ Ocupando primeiramente o posto de um argentino que retarda sua vinda, Marguerite Thibert é, em seguida, paga com créditos temporários, com contrato prorrogado a cada mês. Sentindo-se “tão desgostosa” – “o trabalho que venho cumprindo aqui vale bem um posto de membro A” –, reprovando o diretor por “se deixar manobrar” para recrutar um japonês – “confesso que acreditava que meu trabalho fosse suficiente para falar por mim e, na verdade, repugna-me procurar apoios de uma outra ordem”²⁴ –, ela põe sua partida na balança, enquanto o terceiro volume está em marcha. Pede ajuda a seus amigos parisienses e encara a possibilidade de procurar um lugar de professora no Marrocos ou nos Estados Unidos. A carta que envia à administração, em 11 junho de 1928, é comentada nos diversos níveis e considerada de “sensibilidade toda feminina”. Nela, exprime o sofrimento de uma mulher que tem consciência do “valor do trabalho realizado” – “cinco anos de trabalho efetivo” em 2,5 anos –, que “veio como idealista”, que se recusa a ser considerada “como um mercenário ao qual se lança um mês de salário como ração, reservando-se o direito de mandá-lo embora no dia 30 do mês sem sequer avisá-lo”, e que reivindica “o tratamento humano e igualitário”, razão de ser do BIT.

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006 **31**

GÊNERO

Marguerite Thibert só se torna funcionária (membro de seção com salário intermediário da antiga categoria B) em 1º de janeiro de 1931 e só é titulada seis meses mais tarde, apesar de – protesta ela – “um estágio probatório de cinco anos”. Ela é encarregada de todos os estudos e relatórios concernentes ao trabalho das mulheres, antes de assumir também as relações com o conjunto das organizações femininas. Os relatórios anuais de seus superiores – sempre elogiosos, eles justificam o aumento regular do salário conforme o estatuto –, assim como a nota redigida em 1938 por Marguerite Thibert sobre a organização de seu pequeno Serviço do Trabalho das Mulheres e das Crianças,²⁵ mostram a amplitude e a diversidade das tarefas efetuadas. Com a ajuda de quatro ou cinco colegas – “sobrecarregadas” – que falavam línguas diferentes, ficha dezenas de periódicos, redige artigos e vastos estudos (*La Réglementation du travail féminin*, em 1931, *Le Statut légal des travailleuses*, em 1938), faz conferências, responde às demandas de informação dos governos e das organizações sindicais ou femininas, supervisona o cumprimento das convenções e prepara sua revisão (aquela sobre a interdição do trabalho noturno que tornou-se flexível em 1934), prepara numerosos relatórios (para o conselho de administração do BIT, para a Conferência anual do Trabalho ou para comissões diversas), faz o elo com a comissão social da SDN. Efetuado ao preço de um “estresse constante” (acusação recorrente de Marguerite Thibert), de um “trabalho obstinado” e de uma “dedicação incansável”, segundo os termos de um dos três subdiretores, o cumprimento de suas tarefas só lhe valeu, entretanto, por ocasião do relatório setenial do funcionário, um aumento suplementar de remuneração e não, apesar dos seus protestos, o reajuste esperado. Ela só é promovida à chefe de seção em 1º de janeiro de 1946, depois da guerra, quando o BIT, localizado em Montreal, agrega tardiamente Marguerite Thibert, por insistência das organizações feministas internacionais que exigem seu reengajamento.²⁶

Aposentada administrativamente em 1º de janeiro de 1947, após alguns meses de protelação,²⁷ Marguerite Thibert não deixa de continuar sua atividade a serviço do BIT, de novo com contratos temporários, depois, em missões de colaborador exterior. E assim prossegue até 1966, quando ainda é encarregada, aos 80 anos, de uma *expertise* na Argélia sobre a pré-aprendizagem de jovens. É a época das missões de *expertise* na Europa mediterrânea, na América Latina, na Ásia e no Magreb, onde Marguerite Thibert coloca “sua competência, sua juventude de espírito e seu realismo”²⁸ a serviço de países emergentes. Ela parece, pois, insubstituível nos terrenos que foram seus desde os anos 1930: as condições de trabalho, o trabalho das mulheres e dos jovens, a formação profissional.

À guisa de conclusões

A carreira de Marguerite Thibert é surpreendente em longevidade, assim como a aura adquirida por essa mulher de uma “energia indomável” (Colette Audry). Entre obrigações – “somente algumas de suas saídas para as montanhas conseguem atenuar a austeridade de uma vida de trabalho, antídoto da solidão” –²⁹ e oportunida-

32 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

des raras para sua geração – viajar, estar ao lado de personalidades influentes, agir sobre o rumo do mundo –, ela não cessou de defender seus direitos de trabalhadora qualificada contra uma administração que nem sempre respeita seus princípios e que não gosta nada dos casos particulares. A figura consensual da experta em trabalho feminino e da militante do trabalho das mulheres³⁰ mascara, entretanto, um ponto que não pôde ser abordado no espaço restrito deste artigo: o conflito que opõe, nos primeiros decênios, o BIT protecionista a certas organizações feministas hostis às convenções sobre o trabalho noturno e à proteção da maternidade –³¹ Marguerite Thibert as qualifica, por vezes, de “loucas”, de “desocupadas”, “de extremistas” –, assim como a evolução progressiva da organização em direção à promoção de direitos iguais aos dois sexos, evolução para a qual ela, Marguerite, inegavelmente muito contribuiu. Não é menor o interesse pela trajetória profissional e militante desta pacifista, socialista e feminista. Certamente, uma grande dama. Alguém que fez a travessia do século XX, em toda sua complexidade.

Abstract: This paper examines the place of women, during the first half of the XXth century, among the workers of the ILB (International Labour Bureau), organism of the League of Nations, through the trajectory of Marguerite Thibert (1886-1982), who became “a great lady” of the institution. The slow and limited access of women to jobs and positions in the organism is made clear, even despite a guiding principle for ILO’s actions: that of “equal pay, without distinction of sex, for work of equal value”, which should be valid worldwide. The main sources utilised are the lists of ILB personnel and the professional dossiers of Marguerite Thibert and Martha Mundt, consulted in Geneva, besides divers documents of the Marguerite Durand library in Paris, such as letters by Marguerite Thibert.

Keywords: sexual and hierarchical division of jobs and positions in international organisms; feminine management; wage hierarchy; celibate; feminist movements.

(Recebido e aprovado para publicação em abril de 2006.)

Notas

¹ A biblioteca Marguerite Durand possui vários dossiês temáticos (A Sociedade das Nações – SDN; União Feminina para a SDN) e biográficos (notadamente de Marie-Louise Puech, Germaine Malaterre-Sellier, Adrienne Avril de Sainte-Croix), ligados à instituição de Genebra. Eles contêm numerosos relatórios de

GÊNERO

conferências ou artigos de jornais que, intitulados “as mulheres e a SDN”, evocam as negociações de 1919. Entre as variantes, encontra-se (além do grau de precisão) um tempo de discurso diante dos plenipotenciários que oscila de 3 a 30 minutos!

² A alínea 3 do artigo 7 do Pacto da Sociedade das Nações dispõe efetivamente: “Todas as funções da Sociedade ou dos serviços que lhe são vinculados, aí compreendidos os do secretariado, são igualmente acessíveis a homens e mulheres.” Para maior precisão dos fatos, ver a contribuição de Michel Marbeau.

³ Ver a contribuição de Michel Marbeau que contém numerosos dados numéricos.

⁴ De conformidade com o lamento das feministas francesas no que concerne a essa ausência no campo dos direitos políticos, a França, entre outros Estados, foi que mais reteve a nomeação de mulheres para as delegações ou comissões. Por outro lado, a nomeação de G. Malaterre-Sellier (vice-presidente da União Feminina da SDN e da União francesa pelo sufrágio das mulheres) não obteve unanimidade entre as feministas, uma vez que algumas preferiam a candidatura de *Mlle. Angles* que pertencia também ao Comitê central da União feminina.

⁵ Maria Vérone, “Le femmes à la Société des Nations”. *L’Oeuvre*, 5 octobre 1928. Consagrada ao trabalho, a parte XIII do Tratado de Versailles é a Constituição da OIT, cuja finalidade é efetivar a justiça social pela regulamentação internacional das condições do trabalho. A organização compreende (artigo 2) uma Conferência geral dos representantes dos Membros e um *Bureau* Internacional do Trabalho sob a direção de um Conselho de Administração.

⁶ Trata-se de pesquisa efetuada como parte de trabalhos do CNRS, sob o título: “*Expérimenter l’écriture biographique. Autour de Marguerite Thibert (1886-1982)*”.

⁷ As cotas dos dossiers (que não serão mais indicadas em seguida) são: P 1870 (Thibert), P 1870a (Thibert expert), P 520 (Mundt). Todos os meus agradecimentos a M. Becci por sua acolhida e preciosa ajuda. .

⁸ Todos os meus agradecimentos a Annie Metz e aos bibliotecários da biblioteca Marguerite Durand (BMD). Um grande agradecimento também a Nicole Dabernat, que pesquisou para mim a correspondência de Marguerite Thibert, numa imensidade de fundos dos arquivos de Marie-Louise Puech (tese em curso sobre as redes pacifistas e feministas), fundos estes ainda não depositados em biblioteca, não inventariados e não numerados; ela me confiou o dossiê concernente à nomeação de G. Malaterre-Sellier. Sobre Marie-Louise Puech, ver Dabernat (2003) e Cazals (2004).

⁹ Aberta por um preâmbulo sobre seus objetivos, a Constituição da OIT termina com uma lista de nove princípios gerais que devem guiar sua política. O princípio mencionado é o de número 7.

¹⁰ Há numerosas histórias sobre a OIT e o BIT. Um colaborador de primeira hora, seu futuro diretor, escreve a obra a seguir, que permite compreender a construção da administração do BIT e o investimento de Albert Thomas nesse sentido: *Albert Thomas et la création du BIT* (PHELAN, 1936).

¹¹ Também é freqüente, na época, o celibato entre empregadas francesas como as “senhoritas dos correios”. Foi a “feminista integral” Madeleine Pelletier que antecipou a explicação mais plausível: essas mulheres, ainda que com renda modesta, desejavam maridos com um certo grau de educação, mas esses últimos preferiam uma mulher do lar. O celibato é então uma “escolha”, desejada ou imposta, ligada ao ofício e à independência financeira.

¹² Além disso, no exame das listas, considerou-se a periodicidade nas proximidades do decênio. As listas foram escolhidas pelas seguintes razões: primeira lista existente (sumário); primeira lista mais completa e que pudesse ser verificada com os dados de uma carta de Sophy Sanger a ML Puech (carta de 19 de janeiro de 1922, Biblioteca Marguerite Durand, dossiê 327 Soc, envelope “*Les femmes à la Société des*

34 *Niterói*, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 25-36, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

nations"); lista que fosse confrontada com dados da carta de Marguerite Thibert a ML Puech (carta de 12 fevereiro de 1929, Fonds ML Puech); lista do pós-guerra e após a aposentadoria de Marguerite Thibert.

¹³ Sobre Sophy Sanger, ver Allen (1958).

¹⁴ Sobre este assunto, somente três anuários foram utilizados: efetivamente, aquele de 1920 é muito sumário e a estrutura de 1950 (36 serviços e divisões) torna a comparação difícil. Do mesmo modo, os graus foram modificados. Chamo de Divisão Diplomática de 1938 a seção das Relações Oficiais e a Seção da Conferência. Exemplo de equivalências de chefe de serviço: subchefe de seção, chefe-contador, arquivista; equivalências de membro de seção: arquivista adjunto, redator, bibliotecário, etc.

¹⁵ Em 1920, uma parte do contingente feminino é (pouco) remunerado por semana.

¹⁶ Cf. Quadro em Winslow (1995, p. 175). Ver também Lubin ; Winslow (1990).

¹⁷ "Marguerite Thibert : Une femme parle des femmes et de la vie", entrevista realizada por Rolande Cuvillier, Christine Cornwell et Thi Perret-Nguyen, *Union* 99, p. 7-10, fév. 1980.

¹⁸ AISF: Alliance Internationale pour le Suffrage des Femmes.

¹⁹ Nota de Martha Mundt ao diretor, em 2 de dezembro de 1929 (sobre a conferência dada por convite do *National Council of Women*, Montreux-Group) – 1929 é o ano da criação em Berlim da Associação Internacional da Porta Aberta "para a emancipação econômica da trabalhadora" (*Open Door International* "pour l'émancipation économique de la travailleuse"). Sobre o lobby de ODI, ver a contribuição de Catherine Jacques.

²⁰ Ver BMD Dos Asso (Association des Femmes Diplômées) e o boletim da associação. Ver, também, sobre o assunto, o DEA de Caroline More. O título da tese principal de M. Thibert é: *Le Féminisme dans le socialisme français de 1830 à 1850*.

²¹ Cartas de M. Thibert a Marie-Louise Puech, de 21 de maio e 3 de julho de 1929.

²² Conforme preâmbulo da Constituição da OIT.

²³ Pesquisa efetuada como parte de trabalhos de uma delegação do CNRS e intitulada: "*Expérimenter l'écriture biographique. Autour de Marguerite Thibert (1886-1982)*".

²⁴ Ver a carta de 5 julho de 1928 a Marie-Louise Puech. As outras citações do parágrafo foram extraídas do dossiê profissional.

²⁵ Esta nota é um elemento da pesquisa geral pedida em junho de 1936, pelo diretor, sobre "as atividades, o quadro e o pessoal".

²⁶ Impedida por problemas familiares de partir em 1940, com o núcleo do BIT, ela teve de pedir sua suspensão.

²⁷ O dossiê de Marguerite Thibert contém numerosas trocas de correspondência sobre o cálculo contestado de sua pensão, como também sobre a manutenção ou não de sua pensão durante as missões de *expertise*.

²⁸ Qualificativos utilizados por um membro do serviço de pessoal antes de uma missão na Tunísia em 20 de janeiro de 1965.

²⁹ Ela o repete muitas vezes a sua amiga Marie-Louise Puech.

³⁰ É sempre citado o artigo da *Revue internationale du travail* (abril e maio de 1933), verdadeira demonstração científica da necessidade do trabalho das mulheres: "Crise économique et travail féminin".



GÊNERO

³¹ Sobre este ponto, ver a contribuição de Eliane Gubin, in E. Gubin, C. Jacques, F. Rochefort, B. Studer, F. Thébaud, M. Zancarini-Fournel (dir.), *Le Siècle des féminismes*, Paris, Editions de l'Atelier, 1984. Assinalamos a tese em andamento de Catherine Jacques sobre essas clivagens feministas na Bélgica (ULB) e a de Céline Schoeni (Université de Lausanne) sobre as políticas comparadas do trabalho feminino nos anos 1930.

Referências

ALLEN, A.M. *Sophy Sanger : a pioneer in internationalism*. Glasgow : The University Press, 1958.

BIT – Bureau International du Travail, Genebra, listas de pessoal, dossiês profissionais de Marguerite Thibert e Martha Mundt.

CAZALS, Rémy. *Lettres de réfugiées: le réseau de Borieblanque*. Paris : Taillandier, 2004.

DABERNAT, Nicole. Marie-Louise Puech-Millau, une femme engagée, 1876-1966, *Diplômées* : revista L’AFFDU, [S.l.], n. 204, p. 17-30, mars 2003.

DURAND, Marguerite. Biblioteca, Paris. Documentação da Sociedade das Nações (SDN) e da União Feminina. Dossiês biográficos : Marie-Louise Puech, Germaine Malaterre-Sellier, Adrienne Abril de Sainte-Croix. Relatórios de Conferências, artigos de jornais, cartas de Marguerite Thibert.

GUBIN, Eliane. ARTIGO. In : GUBIN, E. et al. *Le siècle des féminismes*. Paris : Editions de l'Atelier, 1984.

PHELAN, E.J. *Albert Thomas et la création du BIT*. Paris : Grasset, 1936.

RIEGELMAN LUBIN, Carol ; WINSLOW, Anne. *Social justice for women : the international labor organization and women*. Durham: Duke University Press, 1990.

REVUE INTERNATIONALE DU TRAVAIL/ OIT, abril/maio, 1933,

Maria Vérone, “Les femmes à la Société des Nations”, *L’Oeuvre*, [S.l.], 5 oct. 1928.

WINSLOW, Anne (Ed.). *Women, politics, and the United Nations*. Westport : Greenwood Press, 1995.

Jornal *Union* 99, fevereiro de 1980.